



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

Director literario:
Arquibaldo Campa
 PAPIM

O SECULO

Director artistico:
Juan Collado
 PAPUSSE

À
H
O
R
A
d
o



D
I
T
A
D
O
P
O
R

AUGUSTO DE SANTA-RITA
 DESENHO DE EDUARDO MALTA

— Ditado...
 — Vírgula, ponto,
 dois pontos ou exclamação?
 — Coisa alguma. Agora: — Conto...
 mais aqui, ao meio...
 — Pronto;
 ai lá cafu um borrão!

— Pudera; o aparo cheio
 de tinta! Que porcalhão!
 — Erá uma vez... uma vez...
 — Era uma vez...
 — Ai que torto!...
 Por sobre a pauta... não vês?!
 Era uma vez numa ilha...

—... numa ilha...
 — onde havia um lindo porto...
 — onde havia um lindo porto...
 — um rei que tinha uma filha
 que amava um príncipe Horácio...
 — Horácio tem um h?
 — Tem. Mas que torto, ai que torto!
 Falta um acento no a!...
 — E vivia num palácio...
 ... num palácio
 — Cheio de luxo e conforto.
 — Luxo terá
 c h
 ou um x?!
 diz lá, diz lá!...
 — Não é diz lá que se diz;
 Dize lá. Sim, é com x.
 — Cheio de luxo e conforto,
 — Ponto.
 — Pronto.
 — Abrir parágrafo... aqui,
 aqui... ao meio da linha;
 O rei da nação vizinha

o monarca Segismundo
 — gismundo é com é ou i
 — Com i.
 — Pronto.
 — Segismundo
 nutria um ódio profundo
 pelo pai da princezinha.
 —... princezinha.

 — E, vírgula, decorrido
 — decorrido...
 — um ano e tal...
 outra vírgula, aos esposos
 Deus deu um lindo casal
 de princezinhos formosos...
 — Mais devagar... do casal
 de princezinhos formosos...
 — E foram muito ditosos.
 —... ditosos.
 — Ponto final!

A' LAREIRA

Por MARIA EMILIA

JUNTO da lareira,
 onde, alegremente,
 brilha a refulgente
 chama da fogueira,

a santa avózinha
 de níveos cabelos,
 doba os seus romanos,
 trémula velhinha...

Doba bem ligeira,
 enquanto os netinhos,
 muito quietinhos,
 olham a brazeira...

Fóra, sopra o vento...
 Sopra o vento... e a neve,
 leve, muito leve,
 cai do céu cinzento...

O frio que importa?
 se o lume que brilha,
 que fulge e rebrilha,
 aquece e conforta?!...

— «Um conto, avózinha,
 um conto de fadas,
 mouras encantadas...»
 pede uma boquinha

de lábios tão puros
 frescos e risonhos,
 tais como os medronhos
 quando estão maduros...

E todos em côro: —
 — «Conte... conte a história
 da princesa Dória,
 ou a do tesouro...»

E serenamente,
 as mãos no regaço,
 olhando o espaço,
 distraidamente,

a avó principia
 assim: — «Uma vez...»
 e esse «Era uma vez...»
 tem tanta magia,

que os netos queridos,
 lindos e rosados,
 ouvem-na encantados
 e embevecidos...

Então, curiosos,
 de olhos tão brilhantes
 como diamantes,
 perguntam, ansiosos: —

«Avó... e depois...»
 e impacientes
 sempre sorridentes,
 insistem «depois?...»

o lume luzente
 — (louro, muito louro,) —
 espalha o seu ouro
 bem prodigamente...

e lá fóra, a neve
 cai devagarinho,
 branca como o arminho,
 fria... fria... e leve...



O REI AMBICIOSO

Por MARIA DOLORES
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



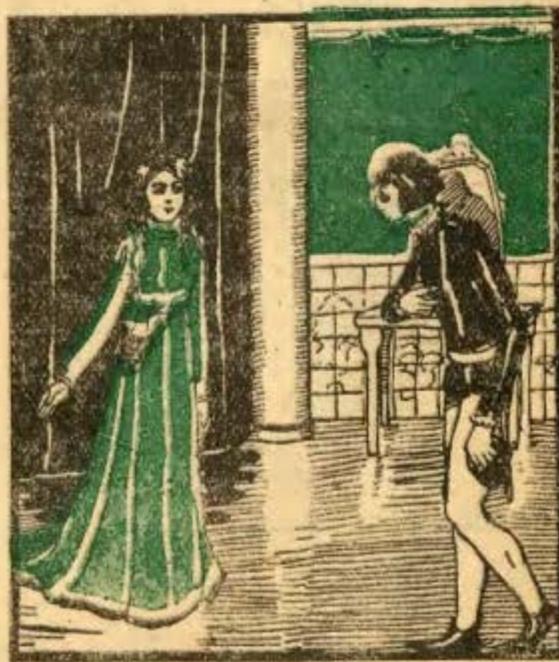
HAVIA num certo reino um rei muito rico mas muito ambicioso. Tinha uma filha, a princesa Rosa Branca, que era muito boa e muito linda. Um dia, o rei soube pelo seu primeiro ministro, ambicioso como ele, que, perto da cidade onde vivia, existia um enorme tesouro guardado por um gigante. O rei, então, mandou afixar por todo o país um edital onde se dizia que dava a filha em casamento e metade do tesouro a quem

fôsse capaz de matar o gigante que o guardava. Apresentaram-se no palácio desde os fidalgos da mais fina linhagem aos mais humildes plebeus, e todos partiam para o castelo do gigante.

Mas quem ia não voltava. Até que, um dia, apareceu um príncipe estrangeiro, muito gentil, que pediu para falar só a princesa. Concedida a autorização, o príncipe entrou numa sala onde estava a princesinha. Depois de se cumprimentarem o príncipe diz: — Real senhora, eu sou o príncipe Amor Perfeito e sou afilhado da fada Alma Bondosa. Ela sabendo o que sucedia no vosso reino, mandou-me libertar os prisioneiros do gigante, e matá-lo, protegendo-me lá do país das Fadas. Para isso, porém, é preciso que vós me desseis uma gota do vosso perfume predilecto. A princesa deu-lhe, então, num lindo frasquinho de ouro, um perfume subtil. Depois o príncipe saiu montado no seu cavalo Voador, seu companheiro de sempre.

Logo que partiu da cidade, viu um rio que não podia atravessar; deitou algumas gotas ao rio que logo se abriu para ele passar. Chegaram, enfim, ao castelo do gigante que estava dormindo, mas como tinha o sono leve, acordou logo que ouviu o barulho do cavalo no pátio do castelo. Deu um grito que fez tremer tudo, e, sem que o príncipe tivesse tempo de se defender, transformou-o num lagarto. Mas, ao outro dia, o gigante fê-lo voltar à sua primitiva forma, e disse-lhe: — Se tu fores capaz de matar o meu rival, o gigante Crocodilo, salvo-te. Comtudo previno-te que se me apareceres sem trazer a chave de ouro, que ele usa ao pescoço,

faço-te sofrer horríveis torturas. Se tentares fugir ficarás logo transformado em estátua de mármore negro. O príncipe dirigiu-se logo ao castelo do gigante Crocodilo, e viu-o muito doente. Amor Perfeito teve dó dele e disse-lhe que o curava se ele lhe desse a chave. O gigante cresceu para o príncipe e matava-o, se não fôsse o sangue frio do príncipe que lhe pôs no corpo algumas gotas de perfume. O gigante, então, fez-se em fumo que logo desapareceu, caindo porém a chave que o príncipe muito contente foi entregar ao segundo gi-





gante, o qual lhe deu logo o imenso tesouro que guardava, dizendo ao príncipe o seguinte:

— Eu era guarda d'êste tesouro há muitos anos. Nêste tempo foi minha única filha roubada pelo gigante que mataste e a tinha fechada numa das torres do castelo, cuja chave tu me trouxeste. Como deves compreender quero muito à minha filha e é por te estar reconhecido que te dou

o tesouro. Quando te vires aflito chama por mim três vezes que eu logo te acudo; e desapareceu.

O príncipe, então, foi desencantar os vassallos do rei que o levaram em triunfo ao palácio real onde se fez, com grande solenidade, o casamento de Rosa Branca e Amor Perfeito. Tiveram uma linda menina que era o encanto de todos.

F I M

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

É POSTO Á VENDA
ESTA SEMANA

O
VI
VOLUME

AVENTURAS COMICAS

POR

PÁPIM, PAPUSSE & C.^ª

O PRESENTE das FADAS

Por ABILIO JOSÉ TEIXEIRA
Desenhos de EDUARDO MALTA



pequena Frederica andava radiante com a idéa de ir assistir, pela primeira vez, a uma festa da escola. O seu condiscípulo Roberto, que era o aluno mais antigo da escola, dizia-lhe que as festas eram sempre muito bonitas e divertidas.

Frederica andava a juntar, já há algum tempo, o dinheiro suficiente para comprar uma fita azul nova, que estrearia no dia da festa. Frederica e

Roberto, na véspera desse dia, vinham da escola, contentíssimos com a idéa de se irem divertir imenso.

Chegados à porta da pequena casinha onde morava Frederica, Roberto despediu-se e seguiu o seu caminho. A pequenita empurrou a porta e logo a sua expressão de regosijo se transformou num ar de grande aflicção.

Deitada sobre uma cama, estava uma velhinha, que gemia.

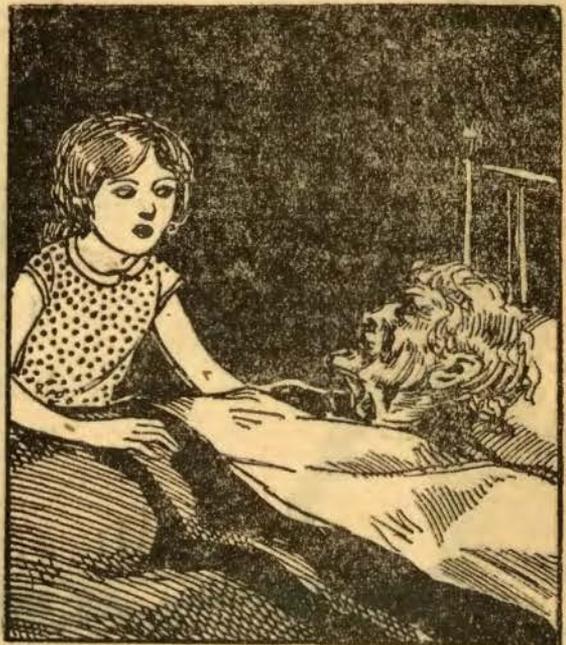
Era a sua avó, a única pessoa de família que tinha, e fizera para ela as vezes do pai e da mãe, que mal conhecera.

—Avózinha, o que tem?...—preguntou a pequenita.

—Não estou nada bôa, minha filha. Dei uma grande queda e tenho o corpo todo moído.

Vai ver se chamas o dr. Silvestre, disse a velhinha, fazendo um grande esforço para falar.

Frederica saiu, correndo, e, daí a um momento, estava pedindo ao médico que viesse ver a avó. Depois de observar a doente, o clínico disse que a pobre senhora estava bastante mal e necessitava de grandes cuidados; não devia ficar sôzinha um só momento, para não ser obrigada a mover-se. Frederica afirmou que seria uma dedicada enfermeira e pensou, lá de si para consigo, que tinha de dizer adeus à festa do dia seguinte. Primeiro do que tudo estava a saúde da avó. O médico recomendara que a velhinha de-



via ter um alimento substancial, mas, como eram muito pobres, Frederica não sabia onde ir buscar dinheiro para isso. De repente, lembrou-se das economias que fizera para comprar a fita nova para o cabelo. Foi ao mealheiro, tirou a quantia que lá tinha, enxugando uma lágrima de saudade pelos seus projectos de ir à festa!

Foi a uma loja comprar ovos e açúcar, para fazer gemadas à avó. Quando ia a saír da loja, ouviu alguém que a chamava. Era o seu companheiro Roberto.

—Onde vais, Frederica? perguntou o rapazinho.

—Para casa, fazer companhia à minha avó que está doente. Já não posso ir amanhã à festa, porque a avó não há-de ficar sôzinha. E a pequena contou tudo o que se passara. Roberto quiz dizer-lhe alguma coisa para a consolar, mas Frederica fugiu, para que êle não visse as lágrimas que lhe corriam em fio pelas faces.

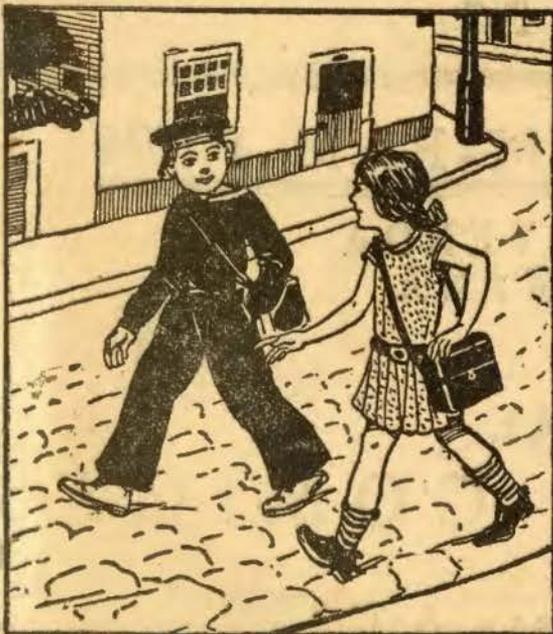
A pequena esteve levantada até muito tarde, a fazer companhia à avó. Na manhã seguinte, o dr. Silvestre appareceu e achou a pobre senhora muito melhor. Que pena tenho que não possas ir à festa da escola—disse a doente à sua neta. Mas se eu não posso ainda mover-me!

—Não se apoquente, avózinha—respondeu Frederica com um sorriso bem contrafeito. Vou para o ano!

Daí a momentos, quando estava na cosinha, a pequena ouviu um ruído junto da porta da rua. O que é isto?—preguntou a si própria. Correu para a porta, que abriu, e, com grande espanto, viu no chão um embrulho nada pequeno. Não se via ninguém por aquelas redondezas e a pequena julgou que estava sonhando. Mas não! O seu nome estava escrito com todas as letras, na parte superior do embrulho.

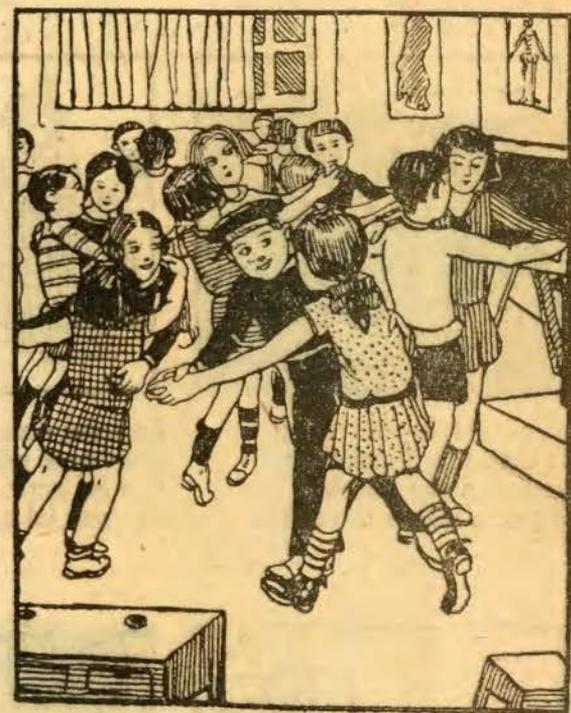
O que será?—murmurou ela, abrindo o pacote. Dentro viam-se três dúzias de ovos, algumas esplêndidas empadas, uma bilha de mel e um pão de ló, que devia ser delicioso. Vinha também um papelinho, onde se lia:

«Isto é só para a avó da menina Frederica, a qual deve estar pronta para ir à festa da escola às 5 e meia horas da tarde, certas».





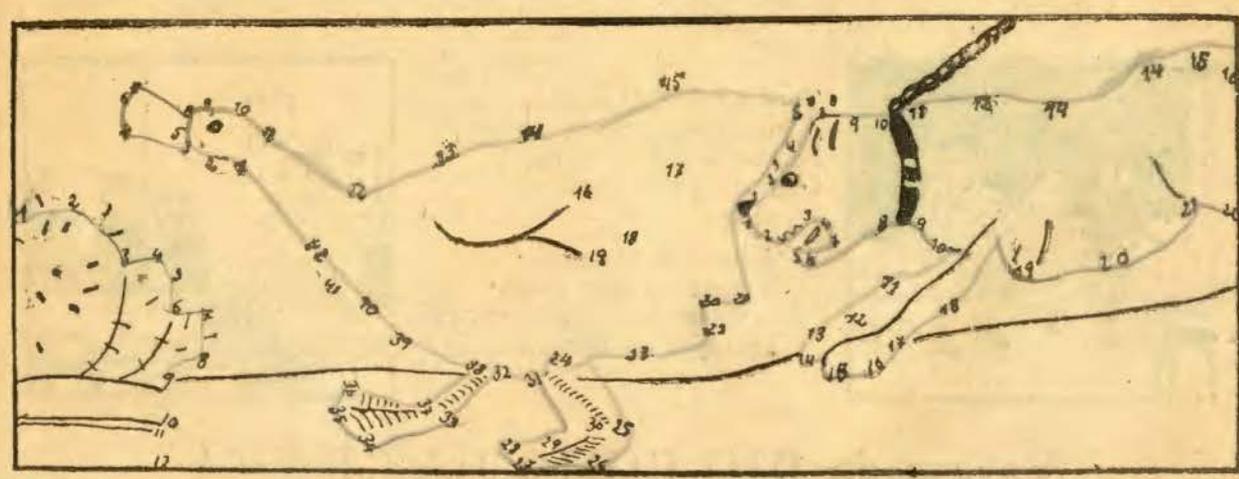
rar?! O seu amigo Roberto com a mãe. Ali estavam as boas fadas!
 —Estás pronta, Frederica?...—preguntou Roberto. A mamã fica aqui a fazer companhia à tua avó. Anda comigo.
 Demasiado contente para poder falar, Frederica manifestou a sua gratidão, saltando ao pescoço da mãe do amiguinho. Os dois pequenos divertiram-se ainda mais do que esperavam, na festa da escola. Dansaram, cantaram, brincaram, e, à despedida, recebeu cada um dêles um brinquedo, que a directora costumava sempre dar a todos os alunos aplicados.



Em baixo, em vez da assinatura, estava escrito:
 «Um amigo, que virá fazer companhia à avó».
 Quando Frederica foi contar-lhe o que sucedera, a velhinha disse-lhe que devia ser um presente das Fadas. Mas a pequenita era daquelas que não acreditava muito em coisas maravilhosas. Ficou meio indecisa, mas, pelo sim pelo não, estava pronta para ir à festa, às 5 e meia horas, certas. A avó deu-lhe uma fita nova para o cabelo, que tinha guardado para lhe fazer uma surpresa no dia dos anos. Quando o relógio dava a pancada da meia hora depois das cinco, ouviu-se também uma outra pancada, à porta da rua... Quem seria? O coração de Frederica bateu precipitadamente. Iria ver, pela primeira vez, uma daquelas senhoras fadas que, segundo ela julgava, só existiam na imaginação dos autores de contos infantis? Abre a porta e quem vê ela en-

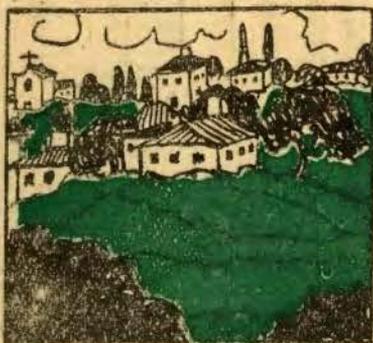
F I M

Lição de DESENHO



BOM SISTEMA

DUMA ANEDÓTA



Numa aldeia pòbresinha
E chamada Redondilhos,
Viviam numa casinha
O pai, a mãe e três filhos.



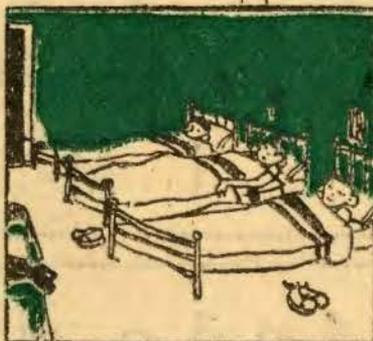
Às vezes acontecia
Não haver que se comesse,
E a má sorte, certo dia,
Fez que tal acontecesse.



À luz baça da candeia,
Os pais em grande aflição,
Vendo que não tinham ceia
Resolvem, pois, a questão.



— António, Quim e João!...
(Começaram a chamar)
— Hoje damos um tostão
A quem não queira cear.



Qualquer dêles, lambareiro,
Bolos queria comprar...
Agarraram no dinheiro
E lá se foram deitar.



Afinal adormeceram,
Cada um muito encolhido,
E muitos bolos comeram...
A sonhar, bem entendido.



Toça a vestir de manhã,
À pressa, em grande alvoroço,
Porque já tinha a mamã
Chamado para o almoço.

A mesa se vão sentar
E dizem os pais, então:
— Quem hoje queira almoçar
Tem que nos dar um tostão.



Versos de DULCÍDIO DA CUNHA